

CAPÍTULO UM

Addy

Paris, França ~ Início de março de 1939

Não planeava ficar acordado toda a noite. O plano consistia em deixar Grand Duc por volta da meia-noite e dormir algumas horas na Gare du Nord antes da viagem de comboio de regresso a Toulouse. Agora – olha de relance para o relógio – são quase seis da manhã.

Montmartre tem este efeito sobre ele. Os clubes de *jazz* e os *cabarets*, as multidões de parisienses, jovens e desafiantes, relutantes em permitir que qualquer coisa, até mesmo a ameaça de guerra, diminua o seu bom humor – é viciante. Termina o conhaque e levanta-se, lutando contra a tentação de ficar para um último espetáculo; decerto haverá um comboio mais tarde. Mas os seus pensamentos dirigem-se para a carta guardada no bolso do casaco e sente que lhe falta o ar. Precisa de ir. Pegando no sobretudo, no lenço e no gorro, diz *adieu* aos seus companheiros e serpenteia por entre as cerca de doze mesas do clube, metade delas ocupadas ainda por clientes que fumam *Gitanes* e balançam ao som de «Time on My Hands», de Billie Holiday.

Quando a porta se fecha atrás de si, Addy inspira fundo, saboreando o ar puro, cortante e fresco nos seus pulmões. O gelo que cobria a Rue Pigalle começa a derreter e as pedras da calçada reluzem num caleidoscópio de cinzentos sob o céu de fim de inverno. Apercebe-se de que terá de andar depressa para apanhar o comboio. Virando-se, vislumbra por um segundo o seu reflexo na janela do clube, sentindo-se aliviado por achar

o jovem que lhe devolve o olhar apresentável, apesar da noite insone. Tem uma postura quadrada, as calças de cintura bastante alta ainda estão bem dobradas e vincadas, o cabelo escuro penteado para trás, como é da sua preferência, liso, sem risco. Enrola o cachecol ao pescoço e avança em direção à estação.

Noutras partes da cidade, presume Addy, as ruas estão silenciosas, desertas. A maioria das lojas, com os seus gradeamentos de ferro, não abrirá antes do meio-dia. Algumas, cujos proprietários fugiram para o campo, não abrirão de todo – FERMÉ INDÉFINIMENT, pode ler-se nos sinais colados às montras. Mas aqui, em Montmartre, o sábado deu ininterruptamente lugar ao domingo e as ruas fervilham de artistas e bailarinas, músicos e estudantes. Saem aos tropeções dos clubes e *cabarets*, rindo e comportando-se como se não tivessem preocupação alguma no mundo. Addy esconde o queixo no colarinho do casaco enquanto anda, levantando a cabeça a tempo de se desviar de uma jovem num vestido de *lamé* prateado que avança a passos largos na sua direção. «*Excusez-moi, Monsieur*», sorri, corando por baixo de um gorro de plumas amarelas. Uma cantora, pressupõe Addy. Uma semana antes, talvez tivesse tentado conversar com ela. «*Bonjour, Mademoiselle*», acena com a cabeça, continuando o seu caminho.

O cheiro a galinha frita desencadeia um ronco no seu estômago, enquanto dobra a esquina para a Rue Victor Masse, onde se começa já a formar uma fila à porta do restaurante Mitchell, aberto toda a noite. Através da porta de vidro do restaurante, consegue ver os clientes a conversar sobre canecas de café fumegante, os pratos repletos com um pequeno-almoço de estilo americano. *Fica para a próxima*, diz a si mesmo, continuando para leste em direção à estação.

O seu comboio mal deixou o terminal quando Addy tira a carta do bolso do casaco. Desde que chegou, ontem, já a leu meia dúzia de vezes e pensou em pouco mais. Desliza os dedos pela morada do remetente. *Rua Warszawska 14, Radom, Polónia.*

Consegue imaginar perfeitamente a mãe, sentada à sua escrivaninha de pau-cetim, de caneta na mão, o sol a brilhar sobre a curva suave, roliça, do seu maxilar. Sente mais saudades dela do que alguma vez pensou possível, quando trocou a Polónia pela França, há seis anos. Na altura tinha

dezanove anos e ponderara ficar em Radom, onde estaria perto da família e ambicionava fazer carreira com a sua música – compunha desde a adolescência e não conseguia pensar em nada que o deixasse mais realizado do que passar os dias em frente a um teclado, a escrever canções. Fora a mãe quem o incitara a candidatar-se ao prestigioso *Institut Polytechnique* em Grenoble – e que insistira para que o frequentasse quando foi aceite. «Addy és um engenheiro nato», dissera, recordando-lhe aquela vez em que, aos sete anos, tinha desmantelado o rádio partido da família, espalhado as peças sobre a mesa da sala de jantar, voltando a montá-lo de seguida, como novo. «Não é assim tão fácil ganhar a vida com a música», disse ela. «Sei que é a tua paixão. Tens um dom, e deves apostar nele. Mas primeiro, Addy, o curso.»

Sabia que a mãe tinha razão. E, por isso, partiu para a universidade, prometendo que regressaria a casa quando terminasse os estudos. Mas assim que deixou os confins provincianos de Radom, abriu-se à sua frente toda uma nova vida. Quatro anos depois, de diploma na mão, foi-lhe oferecido um emprego em Toulouse que pagava bem. Fizera amigos oriundos de todo o mundo – Paris, Budapeste, Londres, Nova Orleães. Ganhara um novo gosto pela arte e a cultura, pelo *paté de foi gras* e pela perfeição amanteigada de um *croissant* acabado de assar. Tinha uma casinha sua (embora minúscula) no coração de Toulouse e o luxo de regressar à Polónia sempre que lhe apetecia, o que fazia pelo menos duas vezes por ano, para o Rosh Hashaná e o Pessach. E ainda passava os fins de semana em Montmartre, um bairro de tal modo mergulhado em talento musical que não era incomum os habitantes locais partilharem uma bebida no Hot Club com Cole Porter, assistirem a uma atuação improvisada de Django Reinhardt no Bricktop ou, como acontecera a Addy, verem Josephine Baker dançar o *foxtrot* no palco do Zelli, levando a reboque a sua chita de estimação, enfeitada com uma coleira de diamantes. Addy não conseguia recordar outro tempo na sua vida em que se sentisse mais inspirado a encher as pautas de notas – de tal maneira que se começava a perguntar como seria mudar-se para os Estados Unidos, a morada dos grandes, a terra onde o *jazz* nascera. Talvez na América, sonhava, pudesse tentar a sua sorte e juntar as suas composições ao cânone contemporâneo. Era tentador, se não significasse aumentar ainda mais a distância entre si e a sua família.

Enquanto desliza a carta da mãe do envelope, uma pequena onda de choque desce pelas costas de Addy.

Querido Addy,

Obrigada pela tua carta. Eu e o teu pai adorámos a descrição da ópera no Palais Garnier. Estamos bem, aqui, embora Genek ainda esteja furioso com a sua despromoção, e não o culpo. Halina continua a mesma de sempre, tão temperamental que me pergunto, muitas vezes, se não poderá implodir. Estamos à espera de que Jakob anuncie o seu noivado com Bella, mas sabes como é o teu irmão: não pode ser apressado! Tenho-me deliciado com as tardes passadas com a bebé Felicia. Mal posso esperar por que a conheças, Addy. O cabelo começou a crescer e é... vermelho canela! Um destes dias há de dormir a noite toda. Pobre Mila, está exausta. Recordo-a constantemente de que tudo vai ser mais fácil em breve.

Addy vira a carta, muda de posição no assento. É aqui que o tom da mãe se ensombra.

Devo dizer, querido, que algumas coisas mudaram durante o último mês. Rotsztajn fechou as portas dos trabalhos em ferro – é difícil de acreditar, depois de quase cinquenta anos de funcionamento. Também Kosman se mudou com a família e o negócio dos relógios para a Palestina, depois de a sua loja ter sido vandalizada demasiadas vezes. Não te transmito estas notícias para te preocupar, Addy, mas não me sentiria bem a escondê-las. O que me leva ao principal objetivo desta carta: o teu pai e eu sentimos que deves ficar em França durante o Pessach e esperar pelo verão para nos visitares. Iremos sentir imenso a tua falta, mas parece perigoso viajar agora, em especial tendo de atravessar as fronteiras alemãs. Por favor, Addy, pensa nisso. A tua casa é a tua casa – estaremos aqui. Entretanto, manda notícias tuas quando puderes. Como está a correr a nova composição?

Com amor, Mãe

Addy suspira, tentando uma vez mais dar sentido a tudo aquilo. Já ouvira falar de lojas que haviam encerrado, de famílias judias que partiam para a Palestina. As notícias da mãe não eram uma surpresa. É a sua preocupação que o inquieta. Já havia referido, no passado, que as

coisas tinham começado a mudar à sua volta – ficara lívida quando retiraram a Genek a sua licenciatura em Direito –, mas as cartas de Nechuma eram acima de tudo alegres, positivas. Ainda no mês anterior, lhe perguntara se queria assistir com ela a um concerto de Moniuszko no Grande Teatro de Varsóvia e falara-lhe do jantar de aniversário que ela e Sol tinham feito no Wierzbicki. E como o próprio Wierzbicki os fora receber à porta, oferecendo-se para preparar algo especial para eles, fora do menu.

Esta carta era diferente. A mãe, apercebe-se Addy, estava assustada.

Abana a cabeça. Nem por uma vez nos seus vinte e cinco anos de existência vira Nechuma expressar qualquer tipo de medo. Nem ele ou qualquer um dos seus irmãos e irmãs faltara à reunião do Pessach em Radom. Nada é mais importante para a mãe do que a família – e agora pede-lhe que fique em Toulouse durante o feriado. Inicialmente Addy convencera-se de que estava a ser demasiado ansiosa. Mas estaria?

Olha pela janela para a familiar paisagem rural francesa. O sol é visível atrás das nuvens; existem pequenos laivos de cores primaveris nos campos. O mundo parece benigno, o mesmo de sempre. E, no entanto, estas palavras de aviso da mãe alteraram o seu equilíbrio, confundiram-no.

Addy fecha os olhos, recordando a sua última visita a casa, em setembro, procurando uma pista, algo que possa ter deixado escapar. O pai, recorda, tinha jogado às cartas, como fazia todas as semanas, com um grupo de comerciantes como ele – judeus e polacos – por baixo do fresco da águia branca, no teto da Farmácia Podworski; o padre Król, um sacerdote da Igreja de São Bernardino e um admirador do virtuosismo de Mila ao piano, parara para escutar um recital. Para o Rosh Hashaná, a cozinheira preparara *chalá* pincelado com mel, e Addy ficara acordado a ouvir Benny Goodman, bebendo Côte de Nuits e rindo com os seus irmãos até tarde, noite fora. Até Jakob, reservado como sempre, pousara a câmara e juntara-se à camaradagem. As coisas tinham parecido relativamente normais.

É neste momento que a sua garganta fica seca, quando pensa numa coisa: e se as pistas estivessem todas lá e ele não tivesse prestado atenção? Ou pior, e se não as tivesse visto porque não as queria ver?

A sua mente voou para a suástica pintada de fresco com que se deparara no muro do Jardin Goudouli, em Toulouse. Para o dia em que ouvira os seus patrões, na empresa de engenharia, a sussurrarem sobre se o

deveriam considerar um risco – achavam que ele não os conseguia ouvir. Para as lojas encerradas por toda a cidade de Paris. Para as fotografias nos jornais franceses do rescaldo da *Kristallnacht* de novembro: montras partidas, sinagogas arrasadas pelas chamas, milhares de judeus a fugir da Alemanha, empurrando em carrinhos-de-mão candeeiros de mesa de cabeceira, batatas e idosos.

Os sinais estavam lá, claro. Mas Addy tinha-os menosprezado, ignorado. Dissera a si mesmo que não havia nada de errado com um pequeno *graffiti*; que, se perdesse o emprego, encontraria outro; que os acontecimentos que se desenrolavam na Alemanha, ainda que perturbadores, ocorriam para lá da fronteira e ficariam contidos. Agora, contudo, com a carta da mãe na mão, vê com alarmante clareza os avisos que escolhera ignorar.

Addy abre os olhos, subitamente nauseado por uma ideia solitária: *Deviás ter regressado a casa há vários meses.*

Dobra a carta, guarda-a no envelope e volta a deslizá-lo para o bolso do casaco. Irá escrever à mãe, resolve. Mal chegue ao apartamento em Toulouse. Dir-lhe-á que não se preocupe, que irá regressar a Radom como planeado, que agora, mais do que nunca, quer estar com a família. Dir-lhe-á que a nova composição está a correr bem e que mal pode esperar por lha tocar. Este pensamento traz consigo um ligeiro conforto: imagina-se sentado em frente às teclas do *Steinway* dos pais, a família reunida à sua volta.

Addy deixa que o seu olhar caia uma vez mais na plácida paisagem rural. Amanhã, decide, irá comprar um bilhete de comboio, preparar os documentos necessários à viagem, arrumar as malas. Não vai esperar pelo Pessach. O patrão ficará irritado com ele, por partir mais cedo do que o esperado, mas Addy não se importa. Tudo o que importa é que, dentro de poucos dias, estará a caminho de casa.